A Teoria da Enunciação em Bakhtin: conceitos essenciais e sua relação com a concepção do gênero artigo de opinião no livro didático "Identidade- Saraiva"

Deyse Souza Alves[1]
Elizabeth Miranda M. Rodrigues Pinto[2]
Jaqueline A. Viana[3]
Vanessa Maria Marques Salomão[4]

Resumo

Este artigo analisa a concepção do gênero artigo de opinião no livro didático "Identidade" (Editora Saraiva), selecionado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2026-2029) para o Ensino Médio. O objetivo do estudo é verificar como a teoria de Bakhtin reverbera no contexto educacional contemporâneo, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa. Justifica-se a escolha pelo artigo de opinião por ser um dos gêneros basilares elencados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a formação do estudante e de recorrente cobrança em processos seletivos. O aporte teórico fundamenta-se nas contribuições de Bakhtin (1997, 2006, 2011, 2016), Fiorin (2011) e Mussio (2015). Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e analítico, desenvolvida em duas etapas: a revisão dos conceitos do Círculo de Bakhtin e a análise do livro didático. Ao final do estudo, constatou-se que as propostas do material didático reconhecem os conceitos de ideologia, dialogismo e esfera, abordando os elementos constitutivos dos gêneros discursivos (construção composicional, conteúdo temático e estilo) em consonância com os pressupostos bakhtinianos.

Palavras-chave: Teoria da Enunciação; Artigo de Opinião; Livro Didático.

1- INTRODUÇÃO

A cada três anos, o Ministério da Educação (MEC) envia às escolas públicas brasileiras coleções de livros didáticos aprovados para que os professores analisem e escolham a obra que guiará o trabalho pedagógico durante o triênio seguinte. Para o PNLD 2026-2029 (Programa Nacional do Livro e do Material Didático)[5] do Ensino Médio, os estabelecimentos de ensino receberam, entre outras opções da área de Linguagens, o livro "Identidade", da Editora Saraiva,

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia- Rua Marfim, 127- Belvedere- Monte Carmelo/MG- deyse.alves@ufu.br
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia- Rua Marfim, 127- Belvedere- Monte Carmelo/MG- elizabeth.pinto@ufu.br
[3] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia- Rua Marfim, 127- Belvedere- Monte Carmelo/MG- jacqueline.viana@ufu.br
[4] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Uberlândia- Rua Marfim, 127- Belvedere- Monte Carmelo/MG- vanessa.salomao@ufu.br
[5] Para consultar todas as obras aprovadas pelo PNLD 2026-2029, acesse o site https://www.edocente.com.br/pnld/.

escrito por William Cereja, Caroline Dias Vianna e Christiane Damiem. Por ter sido essa a obra selecionada pelo corpo docente da escola onde atua uma das autoras deste artigo, ela foi escolhida como objeto de análise desta pesquisa.

Justificada a escolha do livro, cabe apresentar os motivos que fundamentam este estudo. A princípio, compreendemos que a Teoria da Enunciação de Bakhtin é essencial para conceber a linguagem não como um sistema estático, mas como um evento social, vivo e histórico. Desse modo, consideramos fundamental que a produção científica evidencie tanto a relação do signo linguístico com os fatores sócio-históricos e ideológicos que o constituem, quanto a forma como a perspectiva bakhtiniana[6] se materializa na criação de obras didáticas utilizadas por milhares de professores e estudantes da educação básica, como ocorre em "Identidade - Saraiva" (Cereja; Vianna; Damien, 2024).

A partir dessas considerações, o objetivo deste artigo é verificar como a teoria de Mikhail Bakhtin reverbera no contexto educacional contemporâneo, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa durante o ensino e a aprendizagem dos gêneros discursivos. Para alcançar esse propósito, estruturamos o trabalho em duas partes principais: primeiro, realizamos uma breve revisão da Teoria da Enunciação de Bakhtin; em seguida, analisamos como o conceito do gênero artigo de opinião é apresentado na obra "Identidade - Saraiva" (Cereja; Vianna; Damien, 2024).

Selecionamos o artigo de opinião porque, segundo Köche, Boff e Marinello (2009), esse gênero desempenha um papel social relevante, servindo como meio de interação entre o autor e os leitores de jornais e revistas, tanto de forma impressa quanto digital. Além disso, a BNCC (Brasil, 2018) estabelece que o artigo de opinião deve integrar os eixos de leitura e de produção textual desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Portanto, de acordo com as autoras mencionadas e com as diretrizes da BNCC, o trabalho com esse gênero nas aulas de Língua Portuguesa constitui um caminho eficaz para desenvolver as competências e as habilidades propostas pelos documentos oficiais para o ensino de nossa língua materna.

Diante desse cenário, este artigo foi estruturado da seguinte forma: inicialmente, trazemos uma discussão teórica sobre a abordagem de Bakhtin, mostrando os conceitos de enunciado, palavras e orações, ideologia, signo, dialogismo e gêneros do discurso. Na sequência, detalhamos os procedimentos metodológicos adotados, apresentamos a análise do

[6] Acreditamos ser necessário destacar que Bakhtin não foi especificamente um teórico da linguagem, mas um filósofo russo, integrante do chamado "Círculo de Bakhtin", que se dedicou a um projeto intelectual marcado pelo ostracismo a fim de constituir uma prima filosofia e uma teoria marxista da superestrutura, na qual a linguagem tem papel central.apresentamos

livro didático e, por fim, expomos as considerações finais.

2- DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1- ENUNCIADO COMO UNIDADE, PALAVRAS E ORAÇÕES

Conforme destaca Mussio (2015), na teoria de Bakhtin, a língua não deve ser vista como um sistema inerte ou como mero produto de atos criativos individuais. Ao contrário, ela consiste em uma atividade evolutiva e incessante que se realiza à medida que é utilizada em situações reais de fala. Desse modo, segundo a autora, o termo enunciação é compreendido por essa teoria como a unidade real da linguagem (expressão linguística), cujo produto verbal caracteriza-se como o enunciado.

Para Fiorin (2011), as palavras e as orações são as unidades da língua, enquanto os enunciados constituem as unidades reais de comunicação. As palavras e as orações são repetíveis, mas os enunciados não. O autor destaca que a primeira característica de um enunciado é possuir um autor, ao passo que as unidades da língua não pertencem a ninguém e não possuem acabamento, ou seja, não formam um todo que possibilite uma resposta.

Sobre isso, Bakhtin (1997) mostra que as unidades da língua são completas, mas carecem de um acabamento específico. Um exemplo disso é a palavra “fogo”, que, isolada, é completa, mas não suscita reação/resposta. Ela só se transforma em enunciado quando adquire autoria e ganha acabamento ao denunciar, por exemplo, uma situação de perigo, o que permite torná-la objeto de uma resposta. Os enunciados, portanto, segundo Fiorin (2011), funcionam como réplicas de um diálogo e possuem um destinatário, diferenciando-se das unidades da língua.

Bakhtin (1997) afirma que as unidades da língua são neutras, ao passo que os enunciados contêm, necessariamente, emoções, juízos de valor e expressões. O filósofo destaca que as unidades da língua, como as palavras isoladas no dicionário, são puramente potenciais e possuem significação, a qual se determina de forma abstrata na relação com outras palavras. Em contrapartida, os enunciados não têm apenas essa significação fixa, mas sim sentido, que é gerado na vida real. Isso significa que, enquanto a palavra isolada é neutra, o enunciado ganha vida e intenção na situação em que é proferido. Além disso, por serem constitutivamente dialógicos, os enunciados sempre nascem respondendo a discursos anteriores ou antecipando a reação do interlocutor, de modo que o sentido deles é sempre de ordem dialógica. Esse sentido concreto, moldado pelo contexto social e distinto da significação gramatical, constitui o próprio conteúdo do enunciado. Portanto, o conceito de

enunciado de Bakhtin recobre o que habitualmente chamamos de discurso, ou seja, a linguagem em sua prática viva e social.

2.2- IDEOLOGIA E SIGNO

O Círculo de Bakhtin, ao propor o conceito de signo ideológico, parte da ideia central de signo linguístico proposto por Ferdinand Saussure. Para o Círculo, todo signo carrega em si ideologias, pois, no signo ideológico, não há somente a representação da coisa em si ou a repetição da realidade; há também a refração dessa realidade de acordo com o contexto socio-histórico dos sujeitos que participam do processo de enunciação, de interação verbal.

Em Bakhtin (2006, p. 31) temos a ideia de que "tudo o que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia." Dessa maneira, ao dizer a palavra *vaca*, por exemplo, não se apresenta apenas a imagem acústica V+A+C+A, nem tampouco esse signo significa apenas um animal de quatro patas, que rumina, come grama e vive no pasto. Esse enunciado significa a partir de fatores externos a si mesmo, isto é, depende da situação, do sujeito que enuncia e dos sujeitos que interagem com o dizer, podendo, dessa forma, significar tanto um animal que fornece alimento para o ser humano quanto um animal sagrado/um símbolo religioso, se estivermos na cultura hindu, por exemplo.

Para compreender melhor o que o Círculo toma como signo ideológico, podemos fazer uma analogia com as noções físicas de reflexão e refração. Na Física, a reflexão é o retorno da luz ao atingir uma superfície, de modo que, quando isso ocorre, a luz projeta uma imagem correspondente ao objeto original que está diante do espelho. No signo linguístico, ocorre algo semelhante à reflexão, pois, em tese, ele refletiria a realidade objetiva, servindo, portanto, para nomear algo que existe. Partindo disso, se o signo fosse apenas um espelho plano, a linguagem seria neutra. Cada palavra teria um significado fixo e idêntico para todos, registrando a realidade de forma objetiva.

No entanto, ao considerarmos a concepção do Círculo de Bakhtin, não é isso o que ocorre no contexto real da língua, como foi visto no exemplo da palavra *vaca*. Seguindo a nossa analogia, sabemos que a refração ocorre quando a luz penetra a superfície, mudando seu meio de propagação, isso faz com que a velocidade e a direção dessa luz sejam alteradas ou desviadas. É o que ocorre, por exemplo, com o fenômeno do arco-íris, pois, ao atravessar uma gotícula de água na atmosfera, a luz branca do sol é refratada, isto é, distorcida da imagem original. É aqui que dialogamos com o conceito bakhtiniano, pois o signo refrata a realidade dos sujeitos em interação verbal, por exemplo, os aspectos culturais, sociais, históricos e

ideológicos que os atravessam.

Dessa forma, ao surgir tal qual enunciado em diferentes realidades sociais, classes econômicas distintas ou, ainda, em momentos históricos diferentes, o signo deixa de ser uma representação imanente da realidade e passa a ser uma representação carregada de valores, interesses, pontos de vista e tomadas de posição. Como nos lembra Bakhtin (2006, p. 32), “o signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc." Portanto, assim como a luz penetra diferentes superfícies, a palavra atravessa distintas realidades de classe. Isto posto, o signo é ideológico e não um espelho neutro do mundo, funcionando como um prisma de disputas sociais, em que diferentes grupos tentam impor o seu próprio sentido ao mesmo enunciado.

Por isso, todo ato de linguagem deve ser compreendido como uma arena de luta dialógica, na qual o signo, em constante interação, carrega as vozes do "eu" e do "outro", revelando-se como um instrumento fundamental para a manutenção e a transformação da realidade concreta. Sobre isso, Bakhtin (2006, p. 47) afirma que "o signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta plurivalência social do signo ideológico é um traço de maior importância."

A linguagem, então, funciona como uma arena dinâmica, como um campo de batalha das ideias e dos sentidos, no qual diferentes grupos e classes sociais disputam a verdade do dizer. Consequentemente, o signo deixa de ser um mero instrumento de nomeação para converter-se no campo de batalha onde as vozes da sociedade se encontram e se tensionam, revelando a dimensão política e o caráter conflituoso inerentes a toda interação humana.

Nesse contexto, o signo ideológico rompe com a ideia de uma consciência individual isolada, porque a psique humana é constituída por signos sociais que foram internalizados, de modo que o indivíduo, “detentor dos conteúdos de sua consciência [...] apresenta-se como um fenômeno puramente socioideológico. Esta é a razão porque o conteúdo do psiquismo 'individual' é, por natureza, tão social quanto a ideologia" (Bakhtin, 2006, p. 59). Em síntese, ao rejeitarem a ideia da consciência humana como fenômeno puramente biológico e individual, os estudos bakhtinianos a tomam como uma construção de natureza sempre socioideológica.

2.3- DIALOGISMO E OS GÊNEROS DO DISCURSO

2.3.1- Dialogismo

Concepção fundamental da teoria bakhtiniana, visto que, para Bakhtin e o Círculo, o enunciado não existe alheio às relações dialógicas, o dialogismo nos é apresentado como as relações de sentido estabelecidas entre dois enunciados, de modo que, inevitavelmente, todo enunciado é construído a partir de outros enunciados que o atravessaram. Dessa forma

> ...o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. Essas reações assumem formas variáveis: podemos introduzir diretamente o enunciado alheio no contexto do nosso próprio enunciado, podemos introduzir-lhe apenas palavras isoladas ou orações que então figuram nele a título de representantes de enunciados completos (Bakhtin, 1997, p. 316-317).

Para exemplificar isso, tomemos por exemplo o enunciado "É mulher!", proferido num contexto de trânsito, relacionado ao fato de termos uma mulher dirigindo um veículo. Se considerarmos esse enunciado vindo de um homem criado num meio machista, podemos interpretá-lo como "só tinha que ser mulher para dirigir mal assim" ou "não é possível que uma mulher consiga dirigir tão bem". Por outro lado, se esse enunciado fosse proferido por uma pessoa que não tenha sido atravessada por discursos machistas ao longo de sua formação, ele poderia significar, por exemplo, uma constatação de que é uma mulher ao volante, um ser forte, corajoso, capaz de enfrentar desafios ao longo de sua existência. Conforme Fiorin (2011), acreditamos ser importante mencionar ainda que "não são as unidades de língua que são dialógicas, mas os enunciados" (Fiorin, 2011, p. 23), visto que, na perspectiva bakhtiniana, os seres e os eventos são únicos e, assim, os enunciados são irrepetíveis, já que cada enunciado pode ocorrer apenas uma vez com determinado acento, apreciação e entonação. Logo, as unidades de língua presentes em "É mulher" podem ser repetidas várias vezes, mas o enunciado apenas uma vez.

Considerando o dialogismo como o modo de funcionamento real da linguagem, temos daí três aspectos essenciais acerca desse conceito: 1- todos os enunciados constituem-se a partir de outros; 2- todo dialogismo é relação entre enunciados: há uma incorporação pelo enunciador de outras vozes do enunciado; 3- o sujeito é dialógico e, portanto, não assujeitado, posto que o dialogismo é o princípio de constituição do indivíduo, é seu princípio de ação.

Apresentado o conceito de dialogismo, passamos à discussão a respeito dos gêneros discursivos.

2.3.2- Os gêneros do discurso

As diversas áreas de atividade humana foram intituladas por Bakhtin (1997) como

esferas e se caracterizam por serem meios de ocorrência da interação verbal, como, por exemplo, a escola, a igreja, o trabalho, o jornal, o cinema, a casa, enfim, em cada esfera de atuação utilizamos a linguagem sob determinada forma de enunciado, como no meio jornalístico, em que a interação verbal pode ocorrer por intermédio de gêneros como a notícia e o editorial.

A noção de esfera nos direciona a outro conceito central na obra bakhtiniana: os gêneros do discurso. De acordo com Bakhtin (1997, p. 279),

> A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera de atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua- recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais-, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Esses três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Temos ainda em Bakhtin (2016, p.12) a consideração de que

> A riqueza e a diversidade do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade.

Dessa forma, temos a concepção de que os gêneros do discurso são heterogêneos (orais e escritos) e são diferenciados por Bakhtin essencialmente por seu caráter primário (simples) ou secundário (complexo), os quais, segundo o filósofo russo, relacionam-se mutuamente. Tal consideração refere-se ao fato de que, para esse autor, "[...] a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos; é ainda através de enunciados concretos que a vida entra na língua" (Bakhtin, 2016, p. 16-17). Dessa forma, percebemos que há uma diversidade de gêneros a circular em diferentes esferas de atividades humanas, nas quais pode haver diversos graus de complexidade. Essa complexidade, segundo o autor, é responsável por diferenciar os gêneros primários e secundários, os quais são interdependentes e híbridos, uma vez que durante a formação dos gêneros secundários características dos primários são incorporadas e aprimoradas, numa intensa relação interacional entre os próprios gêneros, posto que, ao

fazerem parte dos gêneros secundários, os primários não deixam de existir, mas se modificam de forma intensa de acordo com as características dos gêneros secundários a que foram incorporados.

> [...] por exemplo, inseridas no romance, a réplica do diálogo cotidiano ou a carta, conservando sua forma e seu significado cotidiano apenas no plano do conteúdo do romance, só se integram à realidade existente através do romance considerado como um todo, ou seja, do romance concebido como fenômeno da vida literária-artística e não da vida cotidiana. O romance em seu todo é um enunciado, da mesma forma que a réplica do diálogo ou a carta pessoal (são fenômenos da mesma natureza); o que diferencia o romance é ser um enunciado secundário (complexo) (Bakhtin, 1997, p. 281).

Em relação a isso, pontuamos ainda a afirmação bakhtiniana de que as transformações históricas da sociedade e a história da própria linguagem estão intimamente relacionadas à manifestação dos gêneros do discurso, já que, para esse autor "[...] os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros do discurso, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem" (Bakhtin, 2016, p. 20). Essas correias possuem, conforme citamos anteriormente, características específicas e relativamente estáveis, que se relacionam de forma imbricada: o conteúdo temático, o estilo e a estrutura composicional.

O conteúdo temático não é necessariamente o tema de um texto, mas o que se considera dizível dentro de um gênero, como, por exemplo, o que esperamos que esteja dito em uma notícia: o que aconteceu, com quem aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu, como aconteceu e por que aconteceu. Não esperamos nesse gênero do discurso que haja uma declaração de amor, esperamos a informação sobre uma ocorrência, que pode ser o fato de uma pessoa se declarar a outra, mas a declaração em si se manifesta sob outro gênero, com características específicas diferentes da notícia.

O estilo, por sua vez, é marcado pela seleção de elementos linguísticos em função da imagem que se tem do interlocutor e de como se presume sua compreensão responsiva e ativa do enunciado. Para Bakhtin (1997, p. 286):

> Quando há estilo, há gênero. Quando passamos o estilo de um gênero para outro, não nos limitamos a modificar a ressonância deste estilo graças à sua inserção num gênero que não lhe é próprio, destruímos e renovamos o próprio gênero.
> Assim, portanto, tanto os estilos individuais como os que pertencem à língua tendem para os gêneros do discurso. Um estudo mais ou menos profundo e extenso dos gêneros do discurso é absolutamente indispensável para uma elaboração produtiva de todos os problemas da estilística.

Dessa forma, podemos exemplificar, com base em Fiorin (2011), que existe o estilo

oficial, típico de correspondências oficiais, como os requerimentos, memorandos e ofícios, nos quais o interlocutor é visto como um ser distante, com quem não há relação de intimidade, e o estilo familiar, presente em cartas pessoais, bilhetes, e-mails e mensagens de aplicativo voltados a pessoas próximas, com quem não é estabelecida relação de hierarquia e, por isso, são selecionados elementos linguísticos que denotam proximidade entre as partes envolvidas na interação linguística.

Já a estrutura composicional faz referência ao modo de organizar, de estruturar um texto. Um exemplo disso é a presença de elementos como local e data, vocativo, despedida e assinatura nas cartas, os quais não são vistos na estrutura de uma resenha crítica ou de uma notícia, por exemplo.

Assim, entendemos que o trabalho com o gênero discursivo deve permear as características específicas do gênero em estudo, de modo a considerá-lo em sua esfera de circulação, o mais próximo possível da interação verbal real que o origina, sempre levando em consideração a necessidade de colocar nossos estudantes em contato com exemplares reais do gênero trabalhado, para que eles tenham condições de conhecer e compreender um gênero antes de serem solicitados a produzi-lo.

É essa perspectiva de trabalho com o gênero que analisaremos a partir de agora, como o gênero artigo de opinião foi apresentado na obra "Identidade- Saraiva" (Cereja, Vianna, Damien, 2024).

3- METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, utilizamos uma metodologia bibliográfica qualitativa, uma vez que nos baseamos em referências teóricas acerca dos conceitos bakhtinianos relacionados à Teoria da Enunciação. Em seguida, fizemos uma análise do livro didático "Identidade- Saraiva" (Cereja; Vianna; Damien, 2024), a fim de percebermos se, onde e como Bakhtin se fazia presente no material didático em questão.

Como já dito, embora existam diversos gêneros do discurso que constituem o livro em análise, para este estudo foi abordada a presença do artigo de opinião e como ele se apresenta na obra didática em questão. Partindo disso, é possível perceber que a inserção desse gênero no início dessa enumeração já constitui um enunciado concreto produzido pela equipe editorial. O primeiro ponto selecionado para a análise está na apresentação do livro, intitulada *Sobre o seu livro*:

> Nesse percurso, conhecerá também nuances da língua na leitura e na

> produção textual, ao analisar e elaborar textos que circulam em situações de comunicação variadas: discurso político, videocurrículo, entrevista, artigo de opinião, cartas argumentativas, documentário, entre outros (Cereja; Vianna; Damien, 2024, p. 3)

A escolha por esse gênero nessa enumeração já deve ser vista como uma atitude não neutra e aleatória, mas sim uma seleção que implica uma tomada de posição ideológica e que, por conseguinte, revela quais práticas de linguagem são consideradas relevantes para essa apresentação da obra e, eventualmente, para a formação do estudante no contexto escolar contemporâneo. A escolha por incluir o artigo de opinião ao lado de gêneros como discurso político, videocurrículo e documentário pode evidenciar, por exemplo, uma concepção de linguagem comprometida com práticas sociais de argumentação, participação pública e intercâmbio de diferentes pontos de vista.

Se estabelecermos um diálogo objetivo com a perspectiva de linguagem bakhtiniana, essa enumeração funciona como um enunciado concreto que, a partir de signos ideológicos escolhidos, atribui valor a determinados gêneros e não a outros. Assim, entendemos que a própria seleção dos textos que compõem o livro materializa um posicionamento da editora acerca da linguagem e da formação do aluno, indicando quais formas de participação discursiva são legitimadas pela instituição escolar.

Outro ponto no livro que consideramos relevante está na seção *Produções em foco*, em que o artigo de opinião é apresentado como a produção textual que será foco no capítulo 6:

> No capítulo 6, a produção proposta é de artigo de opinião, um gênero que faz parte do campo jornalístico-midiático. Por meio dessa experiência, você poderá expressar suas ideias sobre determinado tema e soltar sua voz (Cereja; Vianna; Damien, 2024, p. 14).

É possível perceber que o aluno será chamado a produzir um artigo de opinião, considerando o campo da esfera humana jornalístico-midiática. Ele também será provocado a se posicionar, responder, opinar sobre determinados temas. Esse convite para que o estudante "solte sua voz" não deve ser compreendido como mera autorização para expressar opiniões individuais, porque, segundo Bakhtin (2011), nenhuma voz emerge de forma isolada, uma vez que todo enunciado é constituído pelas múltiplas vozes sociais que atravessam o sujeito.

Assim, quando o livro propõe a produção de um artigo de opinião, convida o estudante a ocupar uma posição enunciativa dentro de uma determinada esfera social, produzindo um dizer que dialoga com discursos já existentes e antecipa respostas de outros interlocutores. Em outras palavras, na esfera bakhtiniana, o estudante é chamado a realizar uma tomada de

posição responsiva ativa, podendo concordar, discordar e argumentar sobre determinado tema de interesse. Se bem desenvolvida, a atividade deve permitir que o aluno reconheça que seus argumentos e tomadas de posição não são neutros, mas atravessados por signos ideológicos construídos historicamente, pois as palavras escolhidas para se defender determinada posição carregam, dialogicamente, valores, interesses e perspectivas sociais que refletem e refratam a realidade.

Para Bakhtin (2011), essa atitude prenhe de resposta é fundamental para retirar o interlocutor/aluno da condição de sujeito passivo, característica própria do enunciado concreto. É aqui que o estudante, ao produzir o texto no campo jornalístico-midiático, colocará sua opinião embasada nos atravessamentos do seu próprio prisma social, cultural, histórico e ideológico. Desse modo, o exercício proposto neste capítulo ultrapassa a aprendizagem da estrutura composicional do gênero e passa a envolver a compreensão da linguagem como espaço de disputa de sentidos.

Ainda no capítulo 6, na seção *Produções de texto,* é apresentado um artigo de opinião da filósofa Djamila Ribeiro intitulado "Quantos likes vale a revolta?". Nessa seção é apresentado o "foco no gênero":

> No mundo em que vivemos, com frequência temos de nos posicionar sobre certos temas polêmicos que circulam socialmente. Por exemplo: Os médicos têm o direito de interromper o tratamento de um paciente em estado terminal? Os conteúdos dos programas de televisão e de rádio, de sites e blogues devem ser submetidos a algum tipo de controle? Os governos têm o direito de invadir a privacidade dos internautas com o pretexto de fazer investigações policiais? As redes sociais devem ser controladas? Para responder a essas e a outras questões, são publicados em jornais, revistas, sites, blogues e redes sociais artigos de opinião, nos quais os autores expressam seu ponto de vista sobre certos temas. Leia este artigo de opinião (Cereja; Vianna; Damien, 2024, p. 232).

Logo após a apresentação do "foco no gênero" e do exemplar do artigo de opinião de Djamila Ribeiro, o livro didático traz uma série de questões acerca do texto lido, nas quais percebemos o trabalho com os aspectos composicionais, temáticos e estilísticos do exemplar analisado, numa clara demonstração, novamente, da influência da teoria bakhtiniana em "Identidade- Saraiva" (Cereja; Vianna; Damien, 2024). Nesse sentido, há, inclusive, a apresentação de um quadro a ser preenchido sob orientação do professor, no qual é solicitado que os estudantes resumam características básicas do artigo de opinião, como os interlocutores do gênero, os objetivos, a esfera de circulação, a estrutura composicional, os recursos argumentativos utilizados para defender o ponto de vista do autor e as características

linguísticas do gênero apresentado[7].

Na seção *Hora de produzir* do mesmo capítulo, os alunos são chamados a produzir um artigo de opinião a respeito da cultura do cancelamento:

> Ao final da unidade 4, você participará com seus colegas da produção de um jornal de ciência e cultura. Nele, serão publicados e divulgados os textos produzidos pela turma. Que tal aprofundar a discussão sobre o comportamento das pessoas nas redes sociais e produzir um artigo de opinião sobre o assunto? Leia, a seguir, um texto sobre a chamada cultura do cancelamento e os dois infográficos que contêm resultados de uma pesquisa sobre o assunto. Confronte as informações e opiniões expressas nesses textos com o artigo de opinião de Djamila Ribeiro quanto às ideias e use todo esse material como referências para aguçar sua reflexão sobre o tema e, assim, ter condições de escrever seu próprio artigo com maior segurança. Antes disso, porém, faça as atividades propostas na sequência dos textos (Cereja; Vianna; Damien, 2024, p. 237).

Entendemos que a escolha do livro didático pelo artigo de opinião de Djamila Ribeiro configura um signo ideológico que revela que a equipe editorial atribui legitimidade à voz da autora. O livro poderia ter escolhido outros autores, porém opta por uma intelectual cuja produção está relacionada às discussões sobre raça, gênero e democracia. Sob esse aspecto, a escolha do enunciado concreto produzido pela autora funciona como um signo ideológico com uma tomada de posição responsiva, que seleciona e responde sobre quais debates são considerados socialmente relevantes para a formação do estudante. Assim, o texto de Djamila não aparece como uma abstração linguística do gênero artigo de opinião, mas como um enunciado concreto produzido em circunstâncias históricas específicas, publicado originalmente na Folha de São Paulo e, posteriormente, deslocado para o livro didático.

Ao ser inserido no gênero do discurso livro didático, esse enunciado passa a estabelecer novas relações dialógicas, uma vez que deixa de dialogar prioritariamente com os leitores do jornal para dialogar com professores, estudantes e com os objetivos pedagógicos da obra. Portanto, o artigo de opinião apresentado nessa seção figura como reflexão concreta no/sobre o mundo, em que o aluno é chamado a uma atitude responsiva e ativa sobre os temas em voga.

Nesse exercício, o estudante não é convidado apenas a compreender a estrutura composicional do gênero, mas também a compreender como determinadas palavras produzem efeitos de sentido. Dessa forma, ao entrar em contato com o artigo, o estudante percebe que

[7] Vale ressaltar que a presença desse quadro não deve ser transposta para o ensino como uma tentativa de criar um modelo idealizado ou padronizado de produção textual, nos moldes do ensino tradicional da norma culta; pelo contrário, esses elementos funcionam como pontos de partida para compreender a flexibilidade e a dinamicidade constituintes do gênero.

palavras como racismo, desigualdade, violência ou representatividade não funcionam como signos neutros, mas sim, demonstram disputas históricas de sentido e expressam diferentes posições ideológicas na sociedade.

O livro propõe, ainda, como atividade, que o estudante confronte diferentes textos, opiniões e dados estatísticos. Isso vai ao encontro da teoria da enunciação, ao evidenciar que a produção do enunciado não parte de uma consciência isolada, mas da interação com outros enunciados que já circulam socialmente. Assim, o estudante é levado a construir seu posicionamento por meio do diálogo com diferentes vozes, assumindo uma atitude responsiva diante delas. Sob essa perspectiva, o livro didático reconhece que a construção da opinião não nasce exclusivamente da subjetividade do estudante, mas de múltiplas vozes sociais com as quais estabelece contato durante a leitura dos diferentes textos apresentados[8].

A própria expressão "cultura do cancelamento" enunciada na obra didática representa um signo ideológico com várias camadas de disputas de sentido, que alternam entre a responsabilização social e a censura ou intolerância, bem como revelam os conflitos da sociedade e inserem o estudante em uma arena discursiva marcada pelo embate de posicionamentos. Ao escolher esse tema, o livro insere o estudante em uma arena discursiva marcada pelo confronto entre diferentes posicionamentos ideológicos.

Durante a escrita, o estudante pode organizar de forma objetiva seus argumentos e prever possíveis objeções às suas ideias, buscando convencer o leitor, a partir de um exercício de se estudar a resposta do outro, o que funciona como um elemento fundamental do enunciado concreto descrito por Bakhtin. Dessa forma, a autoria não consiste somente na criação de ideias completamente inéditas, mas na reorganização singular de discursos já existentes (as vozes dos outros) e que continuam a ressoar dialogicamente. Assim, ao assumir uma posição valorativa diante dessas outras vozes, o estudante insere-se em uma cadeia contínua de enunciados, na qual o aluno, ao produzir seu texto, dialoga, confirma, contesta ou ressignifica o que já foi dito anteriormente.

Por fim, outro aspecto que consideramos relevante para esta análise é a proposta final apresentada pelo livro didático, a produção de um Jornal da Ciência e de Cultura:

> Nas unidades 3 e 4, você produziu textos dos campos das práticas de estudo e pesquisa, artístico-literário e jornalístico-midiático. Discutiu temas como demência, feminismo, cancelamento nas redes sociais e leu crônicas e

[8] É importante dizer que esse diálogo não se restringe aos textos selecionados pela obra didática em análise. Na verdade, a enunciação do aluno responde também a outros enunciados anteriores que circulam no mundo, os quais reforçam certos posicionamentos e capacitam os estudantes a preverem os argumentos de seus interlocutores para construir sua própria contra-argumentação.

> resenhas críticas de obra literária. Ao longo dos capítulos, produziu artigo de divulgação científica, artigo de opinião, crônica e resenha. Agora, você vai participar da organização de um jornal de ciência e cultura, impresso ou digital, no qual será apresentada à comunidade a produção feita por vocês ao longo do semestre. O jornal será exposto em um evento escolar (Cereja; Vianna; Damien, 2024, p. 298).

Nesta etapa, propõe-se que o aluno retome discussões desenvolvidas nas unidades 3 e 4, como os debates feitos sobre feminismo, cancelamento nas redes sociais, bem como revise o artigo de opinião produzido anteriormente, visando a criação de um jornal coletivo para exposição na escola. Partindo disso, a obra didática considera a produção textual realizada pelos alunos como um enunciado concreto, capaz de representar a visão responsiva dos estudantes sobre o mundo em que vivem.

Dessa forma, a organização do jornal permite que o estudante deixe de ocupar apenas a posição de leitor para assumir efetivamente a condição de autor de enunciados concretos. Nesse processo, o artigo de opinião deixa de existir apenas como objeto de estudo e passa a integrar uma prática efetiva de circulação social da linguagem que incita práticas responsivas por parte do aluno. Sob a ótica do signo ideológico, a publicação dos textos em um jornal escolar amplia o horizonte de interlocução, isto é, o estudante passa a escrever a partir de uma voz que denota um lugar no mundo, considerando interlocutores reais, o que transforma sua produção em um enunciado responsivo, inserindo-o em uma cadeia concreta de comunicação.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, discutimos alguns dos conceitos fundamentais da Teoria da Enunciação de Bakhtin e analisamos a relação dessas ideias com a concepção do gênero artigo de opinião no livro didático “Identidade - Saraiva” (Cereja; Vianna; Damien, 2024).

Compreendemos, ao longo da pesquisa, que, para Bakhtin (1997), a língua não se resume a um sistema gramatical abstrato, mas constitui uma interação viva, indissociável das ideologias cotidianas. O filósofo diferencia o enunciado das unidades da língua (palavras e orações), apontando que estas últimas são repetíveis e não possuem autoria própria. Em contrapartida, o enunciado manifesta-se de modo heterogêneo, concreto, social e dialógico, sendo constitutivamente marcado por uma autoria e direcionado a um destinatário específico.

A análise demonstrou que o livro didático “Identidade - Saraiva” (Cereja; Vianna; Damien, 2024) situa o artigo de opinião na esfera jornalístico-midiática. A obra aborda os aspectos composicionais, temáticos e estilísticos do gênero em conformidade com as

proposições de Bakhtin (1997), oferecendo subsídios para que o estudante compreenda a função social desse gênero.

Por fim, no que tange à presença dos princípios bakhtinianos no material analisado, verificamos que as propostas do livro didático reconhecem a natureza concreta dos enunciados. A obra oferece espaço para que o aluno tome consciência de que, em qualquer situação de enunciação, estamos nos posicionando e respondendo a discursos anteriores. Dessa forma, o dialogismo e a atitude responsiva ativa não são criados pelas atividades, mas destacados por elas, distanciando o estudante de uma postura passiva diante dos textos. Ao evidenciar que a construção da opinião ocorre no diálogo com as múltiplas vozes que circulam socialmente, o livro contribui para o aprimoramento das competências comunicativas e para a formação crítica do aluno no mundo.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006, 203p.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOFF, Odete M. B. ; KÖCHE, Vanilda S. ; MARINELLO, Adiane F.. O GÊNERO TEXTUAL ARTIGO DE OPINIÃO: um meio de interação. **ReVel**, V. 7, n.13, p. 1-12, 2009. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/16522/15928. Acesso em: 28 jun. 2026.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação e Cultura. Brasília, 2018.

CEREJA, William; VIANNA, Carolina Dias; DAMIEN, Christiane. **Identidade Saraiva**: Língua portuguesa: Linguagens e suas tecnologias 1: Ensino médio: 2º ano: volume 2. São Paulo: Saraiva Educação, 2024.

E-DOCENTE, E-docente. Conheça o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). **E-docente**, 2025. Disponível em: https://www.edocente.com.br/pnld/. Acesso em: 24 jun. 2026.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

MUSSIO, Simone. Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo. **Revista Soletras**, 2015. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/16522/15928. Acesso em: 30 jun. 2026.